

Família imã e minha irmã ao léu.
Sons que alumiam e mordem
como a enxada velha cortando o capim.

Sangram os olhares
e a primavera nua
como poltrona lilás confere
assombrosa ternura
à estaticidade das coisas.

O relógio aponta onze horas
e o vento sopra
contos de infância e dilemas

POEMA DE AMOR E MORTE

Antônio Rodrigues de Souza

As pedras, as lendas e os riachos
buscavam rumos dentro
do canavial sem fim.
E nós?

Disseste-me um dia:
Deus é memória que arde
é a exatidão do olhar
no zigue-zague das horas.

Ouvir tua pele era bom.

Mas tu te fostes e na bagagem
dois quilos de alecrim
e as preces do Ferbona.

Por falta de coragem
intui a canção e a estrada
vértebra por vértebra
os soluços na poeira.

Eis aqui as fibras do meu corpo
estáticas no curtume.

MEMÓRIAS DAS CACIMBAS

Antônio Rodrigues de Souza

Cisca no quintal de Pedro
a galinha pedrês.
O gato dormiu sobre as patas
e a laranja rachou no pé.

Dominga me oferece
um par de flores amarelas.
Passa um cavalo
e a segunda aurora.

Dançam mariposas no íngreme chão
e enquanto canto
meu coração absorve a infância.

São ciclos de rochas e flores medonhas
e como uma lenda
dorme a infância
na voz do meu avô.

O céu vai desabar.

Velha tarde que perdi
Frágil poema sobre o vento
e o coração entre os escombros.